

Germinal



N.º 16—ANO I
25 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

O Congresso de Ferrol

Segundo as notícias que pelos nossos colegas da imprensa revolucionaria nos vem de Espanha, parece que o congresso de Ferrol será muito concorrido, havendo grande entusiasmo pela sua realização, a qual, como se sabe, deve ter lugar nos primeiros dias do mez proximo.

Já uma vez, pelo menos, aludindo a este congresso, dissemos no *Germinal* que bom seria que dêle pudesse resultar algum bem para as relações entre os proletarios portuguezes e espanhois, manifestando-se por todas as formas, de modo a que dêlas resultasse uma afirmação pratica de solidariedade para a defeza de direitos e conquista de regalias que a todos interessassem.

Quanto mais não fosse, isto bastaria para que não houvesse duvidas sobre a nossa aprovação á realização do congresso. Mas não só por aquêla razão, supomos que o congresso pode ser util, embora aquêle resultado se nos afigure o mais importante e o menos difficil de obter, desde que, o que se não deve pôr em duvida, haja boa vontade de ambos os lados. Alem da vantagem que ha sempre em se alargar a esfera das relações entre camaradas, e que é comum a todos os congressos, ha ainda neste, a que pode resultar duma serena e elevada discussão de ideias sobre a attitude a tomar pelos revolucionarios em face da conclusão da paz e sobre a orientação a seguir no futuro, no que respeita á propaganda anti-militarista.

Mas porque assim pensamos, não queremos as nossas palavras dizer que estejamos entusiasmados com o congresso, convencidos de que êle vai ser um feliz acontecimento para as ideias que defendemos. Se admitimos e

desejamos que ele seja util, tambem admitimos e tememos que todo ou quasi todo o trabalho possa resultar inutil.

Se assim falamos, não é pelo prazer, que não temos, em esfriar entusiasmos, ou para nos salientarmos com receios por outros não sentidos; é porque continuamos convencidos de que estamos num momento da evolução das nossas ideias, em que é preciso dizer tudo que se pensa, porque alem de tudo o mais, trata-se dum momento de afirmação de stititudes perante os acontecimentos que surgem.

Por este motivo, com toda franqueza dizemos que, se no congresso se seguir a orientação que os seus organisadores teem manifestado até agora, com os fins que atribuiram á reunião e os meios indicados para os atingir, esta resultará completamente inutil, tendo-se mais uma vez gasto, em pura perda, tempo, energias e dinheiro. E peor será, se ao mal daquela orientação se juntar a oratoria inflamada, os discursos sem fim, as afirmações ousadas sobre o que se pretende e a possibilidade de o pôr em pratica.

Esperamos que assim não será e que os congressistas, pondo de parte os fins e os meios preconizados pelos organisadores do congresso e encarando-os apenas como um motivo, embora mal escolhido, da sua realização, se occuparão, sem grande eloquencia, com prudencia e clareza, de alguma coisa pratica, concreta, de possível realização.

Tarrida

Formou-se em Londres um comité, que tem já bastantes adesões em Paris, na Italia, Suissa e na Espanha, para obter socorros immediatos em favor da viuva e de quatro filhos de Tarrida del Marmol.

A PROPOSITO DA GUERRA

Os anarquistas e a guerra — Operarios alemães e operarios ingleses
O desmembramento da Alemanha.

«Numa serie de artigos na *Bataille Syndicaliste* tem Jean Grave defendido e explicado porque defende a «participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã», por uma forma tão clara e tão convincente, que só as arcaicas dimensões do *Germinal* e a multiplicidade de assuntos teem impedido que os reproduzamos. Mas a carta que elle dirigiu ao jornal italiano *Liberario* (*Bataille Syndicaliste*, 11-4-915) pareceu-nos tão interessante, que vamos reproduzi-la, com as palavras de que J. Grave a faz preceder e que são mais uma concordancia com o que no *Germinal* temos dito.

«Tenho tanto empenho em que os camaradas não se equivoquem sobre as razões que me fazem aprovar a participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã, que aos quatro artigos que a *Bataille* acaba de publicar sobre o assunto, desejo juntar a carta que segue, que eu tinha dirigido aos camaradas do *Liberario* para bem aclarar esta questão. Eu desejo sobretudo, que se compreenda que esta participação na defesa não implica de modo algum, da parte dos anarquistas, uma aliança com os homens do poder, nem o abandono de qualquer das nossas reivindicações, nem uma adesão á politica governamental. Um desastroso concurso de circunstancias faz com que nos encontremos do mesmo lado da barricada; o fosso que nos separa continua sempre aberto.

«Camaradas do *Liberario* :

(*Seis linhas de censura*).

«Em primeiro lugar, agradeço vos terdes-me franqueado as columnas do vosso jornal, permitindo-me assim exprimir o meu pensamento; permiti no entanto que vos diga que vos enganais por completo, attribuindo-me uma ingenuidade que já não possuo, supondo-me presa de illusões que voaram ha muito».

(*Sete linhas de censura*).

«Mas se sob o ponto de vista filosofico todos os governos se equivalem, na realidade o triunfo do militarismo prussiano teria sido um recuo, um serio recuo para a humanidade. O que nos deixará esta guerra? Quem o pode dizer? Mas o que é certo é que se o estado maior alemão tivesse podido impunemente esmagar a Belgica e a França, seguir-se-ia a vez da Inglaterra, depois a das outras nações, o militarismo triun-

fante durante seculos, talvez, em toda a Europa. Com revoluções provavelmente; mas revoluções de nações querendo libertar-se do jugo estrangeiro. Era a questão economica adiada por não sei quanto tempo.

O perigo mais immediato era o (*sema linha de censura*) triunfo do militarismo. E' a militarização da Europa que se precisava impedir. Não podendo desembaraçar-nos dos nossos senhores, não era isso razão para nos submettermos, inertes, ao capricho de um agressor. Neste caso bastava ser descarado para ter razão. Eis porque eu acho que os anarquistas que se juntaram aos que resistiam contra a agressão alemã, procederam bem.

Sem duvida, o governo francês dá provas dum absolutismo intoleravel e duma estreiteza de vistas imperdoavel; mas o que é certo é que quando o solo francês estiver livre do invasor, o governo já não terá a desculpa da salvacão publica para manter a censura e ver-se-á forçado a levanta-la. O que o publico hoje aceita — estupidamente, é certo — porque lhe fazem soar aos ouvidos as grandes frases, não o aceitará sempre tão benevolamente. Os que se tiverem batido terão o direito — e saberão exercer-lo — de dizerem de sua justiça.

O que é certo tambem, é que se os anarquistas continuam a envolver-se no manto dos principios, deplorando os males da guerra, mas não sabendo que fazer para ajudar os outros a sahir dela, perderão contacto com a opinião publica, visto a hora não ser de pregação, mas de accção. A guerra estando desencadeada, só pode ser detida pela derrota do agressor ou pelo esmagamento do imperialismo pelos nossos camaradas alemães.

Se queremos ser ouvidos pelos que se batem, é preciso que estejamos com eles na luta contra o que eles consideram — e é o com efeito — ser um perigo. E' nos preciso agitar a opinião para impedir que politicos e diplomatas nos arranjem uma paz que deixaria a Europa num mal-estar constante.

Mas para isso é preciso não desertar da luta. Isolados, não seremos escutados. Existe uma opinião publica em França, que pode neste momento estar muda, mas que não deixa por isso de existir; opinião que é preciso despertar, que actua fortemente em Inglaterra (e que de resto existe em toda a parte onde ha homens que pensam) para que a futura paz seja uma reconciliação entre os combatentes, se os nossos camaradas alemães souberem desembaraçar-se do seu imperialismo e do seu militarismo que são tão deprimentos para eles como pa-

o resto da Europa; para que se produza enfim, o desarmamento, por mutuo consentimento, o fim do militarismo.

Simplesmente, para ter o direito de falar, é preciso dar aos que se batem mais alguma coisa do que discursos; é preciso lutar com eles. E' por esta razão, e só por esta razão, que eu estou com os nossos camaradas que se batem, não sendo os governos senão uma fatalidade que eu soffro, enquanto não nos podemos livrar d'elles.

Como pudestes julgar, que por um só momento eu acreditasse que governos pudessem ser capazes de nos ajudar a conquistar a liberdade? E' contra elles que nos devemos libertar. Infelizmente elles não são uma abstracção que se desfaça com um raciocínio, mas uma realidade com que é preciso contar. Os governos exercem o seu mister de politicos como podem; competem, a nós, exercer o nosso mister de homens livres, que pensamos, julgam e apreciam, sabendo desembaraçar-nos das formulas completas para proceder segundo as circunstancias».

Paralelo entre o operariado alemão e o operariado inglés, antes da guerra, traçado pela socialista revolucionaria Sorgue.

«Por toda a parte onde tomei a palavra, procurei sobretudo mostrar o estado de espirito que reina nos sindicatos alemães e quanto elle difere do das organizações inglesas.

Não padece duvida, com effeito, que se os operarios alemães tivessem dado, no decorrer destes ultimos anos, a menor prova sincera das suas disposições pacifistas, os ingleses, como os franceses, estariam prontos para tudo a fim de se oporem á guerra. Mas todos nós sabemos agora que muitos d'elles se contavam entre os mais fieis adeptos do imperialismo. Se em todos os congressos elles se ergueram contra a greve geral, é, fora da duvida, porque temiam o emprego d'esse meio pelos trabalhadores dos transportes, como o mais effizaz contra uma mobilização. E nem sempre se limitaram a uma opposição teorica. Viu-se no congresso dos transportes de Copenhague: O inglés Havelock Wilson sustentou a ideia de uma greve geral e internacional dos marítimos, e o alemão Muller qualificou a sua proposição de ridicula — nada menos. Este expoz a opinião de que os ingleses eram incapazes de dirigir semelhante movimento; e terminava o seu discurso por uma copiosa apologia do socialismo e sindicalismo alemães, quando o representante das organizações americanas o interrompeu: — «Nós conhecemos muito bem a famosa consciencia dos vossos socialistas e dos vossos sindicalizados. Quando fizemos a nossa greve dos Grandes Lagos, donde foram os amarelos?

Da Alemanha, e todos com o seu bilhete de identidade de socialistas e sindicalizados, na al-gibeira». Foi, de certo, quasi isto mesmo o que se deu por ocasião da grande greve de Antuerpia.

«Que differença na Inglaterra! Conheço a fundo o movimento operario inglés. Vivi no

meio das suas organizações, frequentei os seus militantes, e maravilham-me os recursos de toda a especie que ha nelle. Nenhum é mais fertil em promessas. Não vimos todos a sua recente evolução para os nossos metodos de acção directa? Durante esse tempo, a Alemanha operaria perdia cada vez mais o espirito revolucionario. Que admira, pois, que no momento em que a Internacional devia fazer sentir a sua força, ella tinha falido lastimosamente!»

Sem embargo, no segundo ou terceiro mês da guerra, havia entre os anarquistas quem a considerasse como a sentença de morte do velho partido social-democrata, e acrescentasse: «Sempre disse que na Alemanha era impossivel uma revolução; agora, de todo mudada a minha opinião, digo: da Alemanha e unicamente da Alemanha virá o primeiro signal!»

De um artigo de L. Jouhaux:

«Ousamos afirmar que todas as ideias de desmembramento da Alemanha servem mais a causa do Kaiser e do militarismo alemão, do que a civilização.

Não queremos esquecer a lição da historia. E ella nos ensina que uma nação vencida pelas armas e submetida á vontade exclusiva e arbitraria do seu vencedor, procurou sempre um desejo de desforra, a possibilidade de se subtrahir a essa tutela humilhante.

Seríamos loucos se não compreendessemos que, para que esta guerra seja a ultima das guerras, é necessario que ella não deixe atraz de si nenhum sentimento de desforra. Para isso é preciso que durante a guerra ou depois, o povo alemão possa realizar as transformações politicas profundas que se impõem. E' preciso que todos os povos encontrem na atmosfera moral que os aliados devem propagar atravez do mundo, um estimulante para apressar a queda do imperialismo e a sua substituição por um regimen democratico.

Constituindo a Alemanha imperial um perigo, a Alemanha democratica, com o seu senso maravilhoso da organização e da vulgarização, constituirá um elemento de progresso, principalmente quando, em consequencia da transformação politica operada, o seu espirito se tiver depurado de toda a ideia de superioridade e de hegemonia.

Queremos que desapareçam do mundo os germens, todos os germens de guerras futuras; e não é com uma Alemanha humilhada que isto obteremos, mas com uma Alemanha regenerada por uma revolução popular e desembaraçada de todo o cunho imperialista.

É mais difícil impedir de ser governado do que governar os outros.

La Rochefoucauld.

Primeiro de Maio

Em Lisboa

A comissão organizadora da manifestação do 1.º de Maio, por parte das classes metalurgicas, resolveu conservar-se em sessão permanente, para atender todas as associações que se lhe dirijam para este fim; e deliberou fazer publico que o programa que elaborou não tem o caracter de uma manifestação festiva, mas sim de character reivindicador e de protesto contra os açambarcadores dos generos de primeira necessidade e ganancia dos senhorios e, finalmente, de solidariedade para com os povos do mundo, afirmando assim o sentimento pela perda de tantas victimas da guerra actual e fazendo votos pela paz, condição basilar do progresso e civilização.

Esse programa é o seguinte:

Pelas 8 horas será inaugurada a bandeira federal, com assistencia dos representantes das associações metalurgicas; as 10,30 efectuar-se-ha uma sessão, para a qual serão convidadas todas as associações metalurgicas do país a enviar delegados, sendo apreciada a seguinte ordem do dia: A — Reivindicações corporativas; B — Aignerra, votos pela paz; C — Carestia da vida. A's 21 horas será dada posse á comissão administrativa da Federação Nacional, seguida de uma conferencia por um dos membros da classe metalurgica. Nesse dia será publicado um numero unico do «Eco Metalurgico», que será enviado a todas as organizações do país.

A comissão de propaganda da União dos Sindicatos Operarios iniciou no dia 18 as suas sessões.

Crise de trabalho

Ha quem diga que no Porto mais de 25.000 operarios manufactores de calçado ficarão dentro em pouco desocupados por falta de materia prima. E' um aspecto.

Outro aspecto, este agora de Lisboa, colhido numa entrevista:

A Empresa Industrial, de Santo Amaro, dá quatro dias de trabalho semanal aos caldeireiros e serralheiros civis e ja despediu 200 operarios. Nas secções mecanicas, o trabalho não vai além de cinco dias; os fundidores trabalham quatro e foram despedidos uns trinta que ha meses soffrem cruciante miseria... A fabrica Colares juntou-se á Vulcano e despediu quarenta operarios, alguns com muitissimos anos de casa, e está dando cinco dias de trabalho por semana aos restantes. Outros estabelecimentos fabris importantes, não falando já dum grande numero de pequenas oficinas, lutam com as mesmas dificuldades. Pode dizer-se que cerca de mil metalurgicos estão hoje desocupados...

Inquerito do «Caixeiro»

No intuito de saber o que vai pelo país acerca da regulamentação do horario do trabalho, o jornal *Caixeiro*, de Lisboa, no seu numero de 5 do corrente, publica um questionario dirigido aos empregados do commercio, de quem esperá respostas breves, mas claras e terminantes.

Dicionario subversivo

(Continuado do n.º 15)

CONFERENCIA DE HAIÁ — A revelação de um espirito novo ou então uma pobre facecia inventada para entretenimento dos basbaques.

CONQUISTA DOS PODERES PUBLICOS — Expressão com que enchem a bôca os partidarios do socialismo parlamentar. Quere dizer... Mas espera. A conquista do poder pelos socialistas é, na formula feliz de Kropotkine, a conquista dos socialistas pelo poder.

CORAGEM MILITAR — Parece que um psicologo a definiu «uma fuga para a frente». Está certo?

CREDITO — Alguem disse: É uma excellenté coisa que aproveita áqueles que não precisam d'ele.

CRETINISMO PARLIAMETNAR — Assim classificou Karl Marx certa doença, — «Doença terrivel que dá aos pobres de espirito, pouco habituados ao exito, a convicção de que o mundo, a sua historia, o seu futuro, são governados pela oratoria de meia duzia de pobres diabos ou de velhaquetes paltadores; doença que leva os desgraçados á convicção de que tudo quanto se passa fóra da sala em que discursam — guerras, descobertas scientificas, transformações da industria e commercio, numa palavra, o que póde realmente influir nos destinos da humanidade — é zero, em comparação com as lérias, as emendas, as moções e as propostas provocadas por qualquer projecto ou declaração ministerial,» diz a «Luta» do sr. Brito Camacho.

Parasitas e indolentes.

Os proprietarios reuniram ha dias, e depois de mostrarem o seu amor pela politica conservadora e reaccionaria, aprovaram as palavras de um d'elles, o sr. visconde de Coruche que, entre outras coisas, disse que era util o voto obrigatorio, para os proprietarios tratarem melhor dos seus interesses, porque «são naturalmente indolentes.»

Naturalmente indolentes! Vandervelde, actualmente ministro, já lhes chamou os parasitas sociais por excellencia.

Reclamam estes senhores o voto obrigatorio e desejam ver representado no parlamento o valor da propriedade, tudo para maior defeza dos seus legitimos interesses e direitos... de indolentes por natureza e parasitas de profissão.

James Guillaume

A *Bataille Syndicaliste* de 7 deste mês informa que este velho revolucionario, atingido de uma doença nervosa, partira de Paris para o seu país natal, a Suíça, onde dera entrada numa casa de saude de Neuchâtel.